

O USO DE REFERENTES TEXTUAIS NAS REDAÇÕES DE ALUNOS DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL

Juzelly Fernandes Barreto Moreira (IFRN)

Juzelly.barreto@ifrn.edu.br

RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo verificar de que forma os alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado do *campus* Currais Novos do IFRN fazem uso das estratégias de referenciação enquanto recurso linguístico, de acordo com o qual os objetos são construídos e reproduzidos nas práticas discursivas, a fim de analisar quantitativa e qualitativamente, como essas regras combinatórias de elementos textuais e oracionais estão sendo encadeadas nas produções textuais desse alunos. É relevante esclarecermos aqui que esta pesquisa está respaldada sob a égide da linguística textual. Nesse sentido, articulamos esses estudos a partir de concepções propostas por Koch (2006), Costa Val (1999), Marcuschi e Koch (2006), Antunes (2010), entre outros. Os referidos autores aportam teoricamente este trabalho, tendo em vista a relevância de seus estudos para a compreensão dos processos discursivos de referenciação inerentes à tessitura do texto nessas práticas simbólicas. O percurso metodológico delineado teve início a partir da proposta feita aos alunos para que escrevessem livremente sobre o tema “A Influência da Tecnologia no Comportamento Humano”. Após selecionar vinte dessas redações, mergulhamos em um processo de avaliação quantitativa e qualitativa das produções, observando, sobretudo, a ocorrência de eventos coesivos relevantes que pudessem servir de objetos de análise para a realização deste trabalho. Os resultados analisados ressaltaram, entre outros aspectos, o alto índice de uso de encapsulamentos/rotulações e uma expressiva incidência de hipônimos, ao contrário do que ocorreu com os hiperônimos, os quais só foram registrados em 20% das produções textuais. Por outro lado, observamos que os alunos ainda recorrem bastante a repetições lexicais, as quais configuraram prejuízos linguísticos a 55% dos textos analisados. Nessa perspectiva, a proposição desta pesquisa revela que a referenciação é um importante objeto de análise, tanto por entrelaçar conhecimento gramatical e textual, formando um todo significativo para o aluno, como por se mostrar imprescindível na construção do processo das práticas discursivas.

Palavras-chave: Produção Textual. Coesão. Estratégias de Referenciação.

1 INTRODUÇÃO

A finalidade deste artigo é apresentar uma amostra dos estudos que temos feito a partir de textos de alunos do IFRN, *campus* Currais Novos, regularmente inscritos na modalidade Ensino Médio Integrado. Nesse sentido, nosso foco consiste em verificar de que forma 20 alunos do 1º ano do Ensino Médio Integrado - EMI do referido *campus* fazem uso das estratégias de referenciação enquanto recurso linguístico, uma vez que entendemos a importância do emprego dessas regras combinatórias para o alcance da progressão textual e, conseqüentemente, para a obtenção da textualidade.

Dentro da proposta de trabalho, pretendemos investigar de forma mais incisiva que estratégias de referenciação estão sendo majoritariamente utilizadas pelos sujeitos de

pesquisa, ao mesmo tempo em que também nos debruçamos em catalogar que prejuízos estão sendo causados no tocante à progressão textual dessas redações, pela ausência desses mesmos recursos coesivos.

Consideramos esse percurso de verificação através de porcentagem extremamente válido por possibilitar a percepção global, dentro desse universo pesquisado, de como os sujeitos estão utilizando as estratégias de referenciação como agentes facilitadores na construção da textualidade, uma vez que estes recursos linguístico-textuais mostram-se imprescindíveis na construção do processo das práticas discursivas.

No que se refere à metodologia, a pesquisa está situada no campo da Linguística Textual e os sujeitos produtores são 20 alunos do IFRN, *campus* Currais Novos, regularmente matriculados no 1º ano do Ensino Médio Integrado, modalidade pertencente à Educação Profissional, segundo classificação do Ministério de Educação.

Levando em consideração o contexto sócio-histórico-cultural em que os alunos estão imbuídos e no firme propósito de analisar o uso das estratégias de referenciação utilizadas em suas redações, optamos por indicar a produção de um texto que abordasse um assunto que fosse reconhecidamente do interesse da maioria dos adolescentes contemporâneos: a tecnologia. Sendo assim, os alunos escreveram, de forma livre, redações sobre o tema: *A Influência da Tecnologia no Comportamento Humano*.

A única orientação dada a respeito da proposta de redação, além de qual seria o tema, foi o esclarecimento a respeito do gênero textual a ser utilizado. A saber: dissertativo-argumentativo. Não houve presença de textos motivadores ou uma discussão prévia que envolvesse a temática.

Essa ausência de orientações e textos motivadores foi propositada, a fim de pudéssemos garantir que a produção textual dos alunos seria, de fato, completamente autoral. Ainda no intuito de preservar a autenticidade dos textos, decidimos por esta temática simples e tão familiar aos jovens de um modo geral, para que ficássemos seguros de que, sendo a redação pautada sobre este assunto (a tecnologia), mesmo na falta de textos motivadores e/ou discussões prévias, dificilmente eles não teriam repertório próprio para escrever.

Todos os alunos do 1º ano do EMI do *campus* Currais Novos foram convidados a redigir os referidos textos. A escrita das redações ocorreu em sala, durante uma aula normal de língua portuguesa e foi aplicada pelos próprios professores lotados no *campus* Currais Novos. Não houve, portanto, quebra na rotina de aulas, nem qualquer contato dos alunos com a pesquisadora.

Ao receber o material, selecionamos aleatoriamente 20 redações do total que tínhamos em mãos, para que, agora sim, pudéssemos principiar a análise dos referentes utilizados nelas.

Nessa perspectiva, a ideia basilar desse trabalho é constatar, através de uma análise predominantemente quantitativa, que estratégias de referenciação os alunos teriam apreendido com sucesso até este ponto de sua vida escolar e, simultaneamente, verificar que prejuízos à progressão textual ficaram perceptíveis tendo em vista a ausência de alguns desses recursos coesivos em suas produções.

Para compreendermos a relevância desta pesquisa é necessário discorrermos sobre alguns pressupostos teóricos que a norteiam, já que defendemos a impossibilidade de estudar diferentes aspectos da língua em uso fora do texto. Diante dessa evidente indissociabilidade, prosseguiremos nosso trabalho contemplando algumas questões que julgamos relevantes acerca dos diferentes conceitos postulados sobre texto e textualidade, a fim de que possamos compreender melhor o cenário onde a interação acontece.

2 UM OLHAR PARA A TEXTUALIDADE

Segundo Antunes (2006, p. 35) “escrever é uma atividade que retoma outros textos, isto é, que retoma outros dizeres. De forma mais explícita, estamos sempre voltando a outras fontes (ou a outras ‘vozes’, como se costuma dizer) próximas ou remotas. Nunca somos inteiramente originais.”.

Por isso mesmo, segundo Kaufman e Rodriguez (1995), a linguística textual coloca em primeiro plano os fatores de produção, recepção e interpretação dos textos enquanto unidades de comunicação.

Nesse sentido, é imprescindível esclarecer que a ideia de texto, segundo Koch e Travaglia (1997), é de uma unidade linguística completa (perceptível pela visão ou audição), que é tomada pelos usuários da língua (falante- escritor, ouvinte-leitor), em uma situação de interação comunicativa, como uma unidade de sentido de modo a preencher uma função comunicativa reconhecível e reconhecida, independentemente da sua extensão. Ou seja, o texto é produto de uma intenção comunicativa do emissor.

Corroborando com esse pensamento, Antunes (2010) alega que:

perde sentido, então, aquela perspectiva ascendente da linguagem, segundo a qual, primeiro, se aprendem as palavras, depois as frases, para, enfim, se chegar ao texto. Todos os segmentos de nossa atividade de linguagem, desde os primeiros balbucios, são entendidos e classificados como partes funcionais de um todo integrado: o texto.

Portanto, produzir linguagem significa produzir discursos (KOCH, 2004a) e o discurso, quando produzido, manifesta-se linguisticamente por meio de textos. O que as pessoas têm a dizer umas às outras não são palavras nem frases isoladas, são textos. Nesse sentido, Antunes (2006, p. 30):

Tal como falar, escrever é uma atividade necessariamente textual. Ninguém fala ou escreve por meio de palavras e frases justapostas aleatoriamente, desconectadas, soltas, sem unidade. O que vale dizer: só nos comunicamos através de textos. Sejam eles orais ou escritos. Sejam eles grandes, médios ou pequenos. Tenham muitas, poucas ou uma palavra apenas.

Assim, pode-se afirmar que texto é o produto da atividade discursiva oral ou escrita que forma um todo significativo e acabado, qualquer que seja sua extensão (BRASIL, 1998).

Conforme afirma Marcuschi (1998, p. 78), “no final da década de setenta passa-se a considerar a noção de textualidade.” Para Costa Val (1999, p.05), “o conjunto de características que fazem com que um texto seja um texto e não uma sequência de frases é chamado de textualidade.”.

Outra maneira de clarificar a ideia de textualidade, segundo Antunes (2010, p. 29) é considerando que esta:

“[...] pode ser entendida como característica estrutural das atividades sociocomunicativas (e, portanto, também linguísticas) executadas entre parceiros da comunicação. Logo, todo enunciado – que porta sempre uma função comunicativa – apresenta necessariamente a característica da

textualidade ou uma ‘conformidade textual’ (...) Daí que nenhuma ação de linguagem acontece fora da textualidade”.

Dessa maneira, textualidade é tudo aquilo que faz com que um texto seja um texto e, portanto, comunique algo, e não um amontoado de frases e orações. E esse “tudo” é integrado por categorias organizadamente elencadas. Mas que categorias, de fato, seriam as que compõem aquilo que entendemos por textualidade?

Beaugrande e Dressler (1981), apontam sete como sendo os fatores responsáveis pela construção da textualidade de um discurso. A saber: coerência, coesão, intencionalidade, aceitabilidade, situacionalidade, informatividade e intertextualidade. Segundo os autores, estes são os fatores preponderantes na constituição do processo sociocomunicativo.

Dois desses, a coerência e a coesão, são fatores linguísticos, pois estão relacionados aos elementos materiais que constituem o texto. Pode-se inferir, então, que os componentes linguísticos do texto vinculam-se entre si através de distintas estratégias de coesão e de coerência.

Sabe-se que há textos sem coesão que, no entanto, apresentam coerência e são classificados como textos. Como também há textos com coesão, mas sem coerência e sem textura. O fato é que a coesão é a manifestação linguística da coerência, ou seja, provém da forma como as relações lógico-semânticas do texto são expressas na superfície textual. Do mesmo modo, a coesão de um texto é verificada mediante a análise de seus mecanismos lexicais e gramaticais de construção.

Em outras palavras, a coesão retrata uma “amarração” entre as várias partes do texto, haja vista que é responsável por criar um entrelaçamento significativo entre declarações e sentenças. Ao conceito de coesão, Koch (1999, p. 17) acrescenta que “a coesão, por estabelecer relações de sentido, diz respeito ao conjunto de recursos semânticos mobilizados com o propósito de criar textos.”

Todavia, sabemos que tanto na fala como também no texto escrito a sucessão de coisas ditas ou escritas forma uma corrente que vai muito além da sequencialidade, mas insistimos que a coesão, apesar de não ser o fator único, contribui significativamente para conferir essa textualidade necessária a qualquer enunciado.

Nesse contexto, assumem importância crucial os elementos linguísticos que estabelecem a conectividade e a retomada, como os referentes textuais, que garantem a coesão do texto e imprimem a visão de mundo do autor.

Segundo Koch (1999), são “elementos referenciais os itens da língua que não podem ser interpretados semanticamente por si mesmos, mas remetem a outros itens do discurso necessários à sua interpretação”. Seguindo este mesmo raciocínio “a referência constitui um primeiro grau de abstração: o leitor/alocutário relaciona determinado signo a um objeto tal como ele o percebe dentro da cultura em que vive.” (FÁVERO, 2001, p. 18).

Por entendermos que a referenciação é um artifício que envolve interação e intenção ou, nas palavras de Koch (1999), trata-se de um processo por meio do qual o produtor do texto acena para a sua particular forma de retratar o mundo circundante filtrado pelo simbólico, é que passaremos, de maneira mais detalhada a tratar de suas estratégias no capítulo seguinte. Haja vista que, de acordo com a perspectiva de análise assumida neste trabalho, o resgate referencial retrata um exercício de construção de juízos de valor, de opiniões, de desvelamento das posições assumidas no texto.

Sob essa égide, o trabalho com o processo de referenciação assume importância fundamental para a aula de Língua Portuguesa à medida que permite aos estudantes refletirem sobre os textos que leem e/ou escrevem, sendo portanto, para nós, imprescindível investigá-lo.

3 AS ESTRATÉGIAS DE REFERENCIAÇÃO COMO MECANISMOS DE PROGRESSÃO TEXTUAL.

Segundo Koch & Marcuschi (1998) um dos principais mecanismos utilizados em prol da garantia da coesão textual são as estratégias de referenciação. Estas, de maneira genérica, aparecem na ótica da linguística textual como um processo interativo que resulta na construção de referentes enquanto objetos-de-discurso, e não enquanto objetos-do-mundo.

Nas palavras de Koch e Elias (2010, p. 132):

O processo que diz respeito às diversas formas de introdução, no texto de novas entidades ou referentes é chamado de referenciação. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que denomina progressão referencial.

Esse conceito leva em consideração que a referência não é vista aqui como mera representação extensional de referentes do mundo extra-mental, isto é, a referência não se dá apenas na relação linguagem-mundo, já que o discurso constrói aquilo a que faz remissão.

Ou seja, há uma reelaboração do real, reelaboração esta que, de acordo com Koch e Marcuschi (1998) citados em Koch (2002, p. 80), "deve obedecer a restrições impostas pelas condições culturais, sociais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso da língua."

Ao tratar do conceito de referenciação, julgamos indispensável citar Marcuschi e Koch (2006, p. 381) quando afirmam que "nosso cérebro não opera como um sistema fotográfico do mundo, nem como um sistema de espelhamento, ou seja, nossa maneira de ver e dizer o real não coincide com o real". Sendo assim, pode-se afirmar que os referentes não são objetos do mundo, mas objetos do discurso. Portanto, não é possível estabelecer uma relação de equivalência entre o objeto ao qual se faz referência e a realidade.

Significa dizer então que, no discurso, os processos de categorização dependem muito menos das restrições impostas pela materialidade do mundo do que da multiplicidade de pontos de vista que os sujeitos exercem sobre ele.

Nesse aspecto, é basilar inferir que a forma como dizemos o real estabelece um contorno singular da normatização do mundo e da língua, de modo que o sujeito, na interação, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização do seu projeto de dizer (KOCH, 2003b).

Outrossim, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer e o modo de progressão referencial está calcado num emaranhado de estratégias que perpassa todo o âmbito do texto.

Logo, quando se pensa sobre o processo de referenciação, de acordo com Marcuschi e Koch (2006, p. 383-384) deve ficar claro que,

um texto não se constrói como continuidade progressiva linear, somando elementos novos com outros já postos em etapas anteriores, como se o texto fosse processado numa soma progressiva de partes. O processamento textual se dá numa oscilação entre dois movimentos um para frente (projetivo) e outro para trás (retrospectivo).

O que nos remete à fala de Antunes (2010, p. 133) quanto comenta que “em um texto bem organizado, deve predominar o equilíbrio entre o que é retomado (informações já conhecidas) e o que é proposto como não sabido (informações novas). Qualquer desequilíbrio para um desses lados deixa o texto inadequado.” Sendo assim, as estratégias de referenciação deverão colaborar para a garantia de um processamento textual em que haja esse balanceamento, a fim de que a textualidade pretendida seja alcançada no texto.

Na perspectiva da língua como um fenômeno heterogêneo, variável, histórico e social, indeterminado do ponto de vista semântico e sintático Marcuschi, (1995a, p. 4), considera “as estratégias que são acionadas na relação linguagem-mundo-pensamento”. Do ponto de vista de Koch e Elias (2006, p.123):

denomina-se referenciação as diversas formas de introdução, no texto, de novas entidades ou referentes. Quando tais referentes são retomados mais adiante ou servem de base para a introdução de novos referentes, tem-se o que se denomina progressão referencial.

É nesse sentido que se situa o processo de referenciação, marcado pela relação biunívoca entre linguagem e mundo. Uma vez que, de acordo com Koch e Marcuschi (1998, p. 4):

o mundo fenomênico, externo, a possível extensão referencial de nossos itens lexicais não está à disposição, pronta para receber as designações pura e simplesmente (...) a referenciação é um processo discursivo e os referentes são objetos-de-discurso.

Compreende-se, portanto, que a progressão referencial num texto não ocorre de forma linear. As estratégias se dão de múltiplas formas, dependendo dos recursos linguísticos e dos recursos da situação, disponíveis ao tratamento que os interactantes considerem necessário dar ao referente, a fim de atingirem suas intenções comunicativas. Por conseguinte, pode-se afirmar que as estratégias de referenciação estão sujeitas às forças discursivas e que é no discurso que elas são determinadas.

Cabe ressaltar, ainda, segundo Koch e Elias (2006), que na constituição dos referentes textuais estão abrangidas as seguintes estratégias de referenciação: introdução, retomada e desfocalização. Esses mecanismos, sendo devidamente utilizados, conferem ao texto essa ideia de continuidade tão exaustivamente buscada por todo e qualquer escritor.

Neste sentido, compreende-se que é na busca da compleição desses tais mecanismos que esta pesquisa se fundamenta metodologicamente. Ou seja, na análise de dados quantitativos e qualitativos que sejam capazes de dar conta da verificação de quais níveis de progressão referencial, por meio das estratégias de referenciação, estão sendo alcançados, tomando por base uma amostra de 20 textos de alunos do 1º ano do EMI do *campus* Currais Novos do IFRN, conforme veremos a seguir.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

É de interesse advertir, inicialmente, a importância de um levantamento quantitativo como diagnóstico inicial de um estudo mais aprofundado para que se tenha uma visão panorâmica e norteadora no que concerne aos estudos inerentes à linguística textual.

Desta feita, a partir da leitura das redações e da observação acerca das ocorrências das estratégias de referenciação utilizadas (ou não) pelos sujeitos de pesquisa, foram elaboradas duas tabelas.

Na primeira, a contagem leva em consideração problemas encontrados nos textos e que geraram prejuízos à progressão referencial pela falta ou emprego indevido das seguintes categorias: pronomes pessoais do caso reto, pronomes pessoais do caso oblíquo, pronomes relativos e repetição lexical. Conforme mostra a tabela 1 abaixo:

INFRAÇÕES LINGUÍSTICO-TEXTUAIS NA UTILIZAÇÃO DE:	PORCENTAGEM DE REDAÇÕES COM PROBLEMAS
PRONOMES PESSOAIS DO CASO RETO	10%
PRONOMES PESSOAIS DO CASO OBLÍQUO	15%
PRONOMES RELATIVOS	15%
REPETIÇÃO LEXICAL	55%

Tabela 1. Estratégias de Referenciação: pronomes pessoais do caso reto, pronomes pessoais do caso oblíquo, pronomes relativos e repetição lexical.

A segunda tabela expõe os números que correspondem às redações em que os alunos utilizaram, a serviço da progressão referencial, as seguintes estratégias de referenciação: hiperônimos, hipônimos, expressões sinônimas ou equivalentes, elipses e encapsulamentos/rotulações.

CATEGORIAS ANALISADAS	PERCENTUAL DE REDAÇÕES EM QUE HOUVE USO ADEQUADO DAS CATEGORIAS
HIPERÔNIMOS	20%
HIPÔNIMOS	55%
EXPRESSÕES SINÔNIMAS OU EQUIVALENTES	15%
ELIPSES	15%
ENCAPSULAMENTOS/ROTULAÇÕES	55%

Tabela 2. Estratégias de Referenciação: hiperônimos, hipônimos, expressões sinônimas ou equivalentes, elipses e encapsulamentos/rotulações

Através da visualização desses dados, é possível verificar que recursos estão sendo mais recorrentemente esquecidos ou deixados de lado no momento da escritura dos textos, como também quais categorias estão colaborando na construção da progressão textual das redações.

A constatação de que 55% das redações avaliadas apresentam inadequações substanciais no quesito “repetição lexical” demonstra a dificuldade de repertório ainda existente no momento da escrita, desvelando certa deficiência leitora, o que acarreta uma limitação evidente de possibilidades expressivas.

Por outro lado, é interessante também chamar a atenção para o fato de que o jogo da substituição de nome por pronome não se mostra severamente prejudicado quando se trata dos pessoais do caso reto e oblíquo ou dos relativos, já que nenhuma dessas três categorias foi mal empregada em sequer 20% de textos. Esses resultados são animadores, tendo em vista que a pronominalização, enquanto estratégia de referenciação, constitui-se como instrumento indispensável para o alcance da textualidade.

Passando à análise da segunda tabela, que tem como objetivo apontar percentualmente as ocorrências de algumas estratégias de referenciação, convém chamar atenção para o

relevante índice de hipônimos, já que estes estão presentes em 55% dos textos analisados, ao passo que os hiperônimos só foram registrados em 20% das redações, o que revela uma independência de uso entre estes termos que, comumente são associados e, não raro, confundidos.

Observamos ainda, com base na tabela, que a utilização de expressões sinônimas e equivalentes foi precária, totalizando apenas 15% das redações. Este resultado ratifica a constatação refletida na primeira tabela e comentada por nós anteriormente, a respeito do alto de índice de repetição lexical verificado. Ora, se os sujeitos de pesquisa não têm repertório suficiente para diversificar nas palavras e expressões que compõem o corpus de seus textos, necessariamente não haverá presença razoável de sinônimos nas linhas do que escrevem.

A despeito disso, em 55% das 20 redações tomadas para análise, há rotulações/encapsulamentos capazes de recuperar de maneira satisfatória alguma informação anteriormente apresentada, o que nos leva a inferir que os sujeitos de pesquisa têm lançado mão com relativa frequência dessa estratégia de referência, através da qual formas e expressões nominais são empregadas como recurso para construção e reconstrução de objetos-de-discurso.

Por fim, conforme adverte Costa Val (2006, p. 35),

a necessidade de preestabelecer parâmetros para orientar a avaliação técnica de um texto pode ser atendida através da definição de critérios qualitativos (e não quantitativos) que busquem captar e sistematizar as condições naturais de aceitabilidade dos discursos.

Tomando como base essa premissa e para que haja melhor compreensão da análise textual, passaremos a seguir para uma avaliação qualitativa que contempla uma das produções dos alunos, na qual serão observados, na medida do possível, os eventos coesivos ressaltados nas tabelas já apresentadas.

A tecnologia e seu rápido avanço trouxe novidades e inovações para vida de todos nós, mas seu uso já está tornando-se um vício: adultos, crianças, jovens e idosos não sabem e nem querem saber como seria suas vidas sem a tecnologia (celular, televisão, computador...). Será que a tecnologia está de alguma forma influenciando a vida e o comportamento das pessoas?

Atualmente podemos falar com outra pessoa mesmo que ela esteja do outro lado do planeta, esse é um grande avanço levando em conta que antigamente as pessoas só se comunicavam por cartas, a medicina avançou e também conseguimos fazer quase tudo online. Porém, (nós) estamos levando tudo isso muito a sério e uma coisa que era pra ser só diversão tornou-nos praticamente “escravos” da tecnologia, mandamos mensagem até para alguém que está na mesma casa que (nós) estamos, por exemplo, não conseguimos sossegar quando esquecemos o aparelho celular em casa, e deixamos de sair porque conversar por msn é mais rápido e fácil, deixamos de dormir ou fazer algo importante só por ser o último dia da nossa novela e não queremos perdê-la.

Contudo, de certa forma a tecnologia influencia e muito o comportamento do ser humano, falta diálogo e falta um pouco de “liberdade”. Nós estamos deixando de lado algo muito importante que é nossa própria saúde e principalmente a conversa olho no olho” com as pessoas que gostamos.

No desenvolvimento do primeiro parágrafo, verificamos uma repetição exacerbada do vocábulo *tecnologia* conforme grifos em amarelo. Além desses três empregos, nos parágrafos seguintes, o termo ainda foi utilizado duas vezes mais.

Para evitar esta repetição, que precariza o texto, o escritor poderia ter feito uso de um hiperônimo ou um hipônimo, ou ainda lançado mão de uma expressão nominal definida, que fizesse referência ao vocábulo que ele desejava retomar, no caso, *a tecnologia*.

Na sequência, observamos que o escritor inseriu uma cadeia de palavras (*celular, televisão, computador*) que designam equipamentos tecnológicos muito difundidos na atualidade, ou seja, ele optou por valer-se expressões que pertencem ao mesmo grupo semântico de outras, mas com um sentido mais restrito, investindo numa estratégia de referenciação denominada hipônimo, estratégia a qual aproveitou novamente nos parágrafos seguintes, conforme grifamos na cor azul.

No segundo parágrafo, testemunhamos a ocorrência de duas elipses, mas que marcaram a supressão de um mesmo pronome: nós. O uso dessa estratégia de referenciação torna o texto mais enxuto sem, com isso, prejudicar o entendimento do leitor, uma vez que as informações ocultadas podem ser facilmente recuperadas através das informações disponibilizadas dentro do mesmo período verbal. Acerca dessa estratégia de referenciação, discorre Antunes (2006, p.119),

sua importância está, portanto, no fato de assinalar que alguma coisa é reiterada na continuidade do texto, embora esse sinal seja dado exatamente pela falta de um elemento que é esperado, inclusive sintaticamente. Essa falta é, assim, compensada pela presença de outros elementos do contexto que favorecem a recuperação do que é omitido.

Por fim, evidenciamos (grifos em rosa) duas ocorrências de encapsulamento/rotulação, através das quais o escritor do texto comprime diversas informações postuladas anteriormente apenas nas expressões “esse” e “tudo isso”, no decorrer do segundo parágrafo. Cabe ressaltar que essa estratégia é parte importante da construção das práticas discursivas, uma vez que possibilita sintetizar uma gama de informações apresentadas anteriormente, sem prejuízo de compreensão no processo de interação textual.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa empreendida neste trabalho mostrou-se satisfatória, uma vez possibilitou a discussão acerca do uso das estratégias de referenciação, que se constituem de um recurso discursivo de suma importância para a linguística textual, considerando a relevância que as expressões referenciais assumem no ensino e aprendizagem da escrita, já que, conforme pontuam Koch & Elias (2006), tais elementos linguísticos são multifuncionais: indicam pontos de vista, assinalam direções argumentativas e recategorizam objetos discursivos.

A propósito das categorias examinadas, percebemos que algumas se fizeram maciçamente mais presentes do que outras. Foi o caso dos hipônimos e dos encapsulamentos/rotulações. Em contrapartida, o recurso da substituição lexical (expressões sinônimas ou equivalentes) foi pouquíssimo aproveitado pelos alunos para compor seus textos. Como consequência dessa falta, observou-se a repetição em demasia, quase sempre, do termo *tecnologia*, núcleo semântico do tema proposto para a redação.

Essa constatação faz transparecer necessariamente o repertório limitado dos sujeitos de pesquisa e as poucas alternativas que esses têm para se referirem ao mesmo objeto-de-discurso. Possivelmente, essa carência lexical ocorre em decorrência, preponderantemente, da falta de um hábito de leitura. Todavia, dentro dos limites deste trabalho, não caberia desenvolver mais a fundo a temática aqui esboçada.

Pode-se afirmar, entretanto, que ele abre perspectivas para uma série de reflexões e estudos posteriores, pois oferece subsídios sobre o uso de estratégias de referenciação presentes nos textos de alunos em uma determinada situação de ensino e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. 2ª ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

_____. **Análise de Textos: fundamentos e práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

BEUGRANDE, R. de & DRESSLER, M. U. **Introduction to Text Linguistics**. London, Longman, 1981.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio: Língua Portuguesa**. Brasília, 1998.

COSTA VAL, Maria da Graça. **Redação e textualidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2ª ed., 1999.

_____. **Projeto de Avaliação de livros didáticos de Língua Portuguesa**. 2006. Mimeografado.

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. 9ª. Ed. Ática, 2001.

KAUFMAN, A.M. RODRIGUEZ, M.H. **Escola, leitura e produção de textos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

KOCH, Ingedore Villaça & L.C. TRAVAGLIA. **Texto e coerência**. São Paulo: Cortez, 1997.

KOCH, Ingedore Villaça & MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Processos de referenciação na produção discursiva**. In: *D.E.L.T.A*, v. 14: 169-190. 1998.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **A coesão textual**. São Paulo: Contexto, 1999

_____. **Introdução à linguística textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2004a.

_____. **O texto e a construção dos sentidos**. 7ª ed. São Paulo: Contexto, 2003b.

KOCH, Ingedore Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e Compreender: os sentidos do Texto**. 2ª. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Fala e escrita: relações vistas num continuum tipológico com especial atenção para os dêiticos discursivos**. Conferência pronunciada no II Encontro Nacional sobre Fala e Escrita. 1995a.

_____. **Aspectos linguísticos, sociais e cognitivos da produção de sentido**. 1998, (mimeo).

MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Villaça. **Referenciação**. *In*: JUBRAN, Clélia Cândida Abreu Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (orgs.). **Gramática do Português Culto Falado no Brasil**. v.1. Campinas: UNICAMP, 2006.